

Ministério do Esporte
Secretaria Nacional de Esporte Escolar e identidade Cultural
Projeto Segundo Tempo
Programa de Capacitação Continuada

ESPORTE E ARTE

Prof. Dr. Victor Andrade de Melo
Universidade Federal do Rio de Janeiro

APRESENTAÇÃO

Nessa unidade você irá estudar alguns elementos sobre as relações entre esporte e arte, duas importantes manifestações culturais de nossa sociedade. Entre outras discussões, você poderá encontrar:

- * O esporte representado na arte
- * O esporte é uma forma de arte?
- * Como trabalhar o esporte utilizando as manifestações artísticas?
- * Exemplos relacionados ao cinema, à música e à literatura
- * Estética, beleza e corpo

1. POR QUE ESTUDAR A RELAÇÃO ENTRE ESPORTE E ARTE?

Ao término do estudo dessa seção, você deve ser capaz de:

- * Entender porque os aspectos estéticos também devem ser considerados na elaboração de propostas pedagógicas com o esporte;
- * Reconhecer que é possível contribuir, através do esporte, para a educação estética de nossos alunos

Por que devemos estudar as relações entre esporte e arte? Um dos intuitos dessa unidade é chamar a atenção para a necessidade de consideração dos aspectos estéticos na elaboração de propostas pedagógicas.

Nos últimos anos, nossa área de conhecimento procurou se aproximar das ciências humanas e sociais, sem se afastar por completo do conhecimento biomédico que sempre a marcou e a caracterizou. Apesar dos importantes avanços, questionamos: não está na hora de nos aproximarmos mais da Estética, uma disciplina filosófica, para ampliarmos nossas considerações acerca do papel do esporte na sociedade? Será que os aspectos estéticos não são também relevantes na configuração da importância, da presença social e da popularidade do esporte?

Ainda mais, se pensarmos em nossa intervenção com o esporte como uma possibilidade e um pólo de animação e mediação cultural, parece interessante nos aproximarmos das considerações pedagógicas dos autores que buscam nos Estudos Culturais inspiração para repensar o papel da Educação na sociedade. E aí, as considerações acerca da Estética devem ganhar papel privilegiado na discussão.

Mas afinal, o que é estética? A estética está somente relacionada à arte? Por certo que não. Adolfo Vázquez¹, por exemplo, lembra-nos que ela está na natureza, na indústria, na nossa vida cotidiana. Ressalta a idéia de que todos nós estamos submetidos diariamente a situações estéticas, mesmo que não percebamos claramente:

“Acadêmicos ou não, em determinados momentos de nossas vidas todos vivemos em uma situação estética, por mais ingênua, simples ou espontânea que seja nossa atitude como sujeitos nela. Ante a flor que se dá de presente, o vestido que se escolhe, o rosto que cativa, ou a canção que nos agrada, vivemos essa relação peculiar com o objeto, que chamo de situação estética. E a vivemos guiados por certa consciência ou ideologia estéticas”².

Podemos então dizer que o conceito de estética está relacionado ao conhecimento sensível, ligado às sensações, aos sentidos (visão, audição, paladar, tato, gustação), algo para o qual somos educados cotidianamente, que interfere em nossas escolhas, nossas opções, mesmo que nem sempre demos a ela a importância que deveria ter no processo educacional.

Com isso, queremos afirmar que uma das responsabilidades de toda intervenção pedagógica deve ser a educação das sensibilidades. Não se trata somente de educar para a construção de novos valores, mas entender que a educação estética é uma necessidade e é tão importante quanto qualquer outra perspectiva de atuação. Devemos compreender que há uma articulação entre valores e sensibilidades na formação do sujeitos e das sociedades, daí a necessidade de uma ação articulada em ambos os âmbitos.

Se a estética não se resume à arte, esta continua a ser uma prática social importante e pode ser uma eficaz ferramenta no processo de educação das sensibilidades de nossos alunos. Assim, podemos utilizar as manifestações artísticas em nossas aulas

¹. VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. *Convite à estética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

². VÁSQUEZ, 1999, p.17.

relacionadas ao esporte para também implementar processos de formação estética, não só porque esta é uma dimensão importante para nossos alunos, enquanto um aspecto relevante do processo educacional, como também porque permite-nos ampliar a compreensão sobre o próprio esporte, já que na arte encontramos muitos indícios de representações sociais desta prática social.

Enfim, mais do que compreender que devemos **educar pelo esporte para o desenvolvimento de novos valores**, é importante também **educar pelo esporte para o desenvolvimento de novos olhares**, novas sensações. Nesse sentido, estamos falando que também é necessário **educar para o esporte**, para que nossos alunos possam descobrir o prazer de se deliciar com outras formas de manifestação esportiva, outros arranjos na maneira de se praticar e/ou assistir o esporte.

2. O ESPORTE REPRESENTADO NA ARTE

Ao término do estudo dessa seção, você deve ser capaz de:

- * Identificar como são comuns as comparações entre esporte e arte;
- * Identificar como o esporte tem sido utilizado como inspiração para artistas ligados às mais diversas linguagens

As relações entre esporte e arte devem ser compreendidas de forma multifacetada. Uma das ocorrências mais facilmente identificadas é a comparação de atletas com artistas, de belas jogadas com obras de arte ou a utilização de termos artísticos como referência a peculiaridades dos certames esportivos.

Um dos cronistas brasileiros que mais fez uso desse recurso foi Néelson Rodrigues, sempre a considerar as partidas de futebol como verdadeiras óperas e a comparar os jogadores a gênios da arte, como no caso de Pelé, por ele considerado um verdadeiro Michelângelo, e como com Garrincha, comparado a Charles Chaplin, pela capacidade de instaurar um ambiente alegre e desvendar um sorriso na face do torcedor.

É comum que cronistas e jornalistas esportivos façam uso de expressões como:

- * “futebol-arte” (em contraposição a um jogo feio, “de resultados”);
- * “a equipe joga por música” (quando joga unida);
- * “o atleta pintou uma aquarela naquela jogada” (quando realiza uma bela jogada);
- * “o time jogou como se coreografasse” (quando joga bonito);
- * “a disputa foi um verdadeiro filme em dois atos” (quando o jogo é emocionante);
- * “o jogador está fazendo cena, fazendo cinema” (quando finge algo).

Outra dimensão importante a ser considerada é a tematização do esporte pelas diferentes manifestações artísticas. No Brasil, isso pode ser claramente identificado:

* Nas artes plásticas

Em obras de Rubem Gerschman, Cândido Portinari, Vicente Rego Monteiro, entre outros, entre os quais muitos ligados à arte contemporânea e ligados à arte naif. Algumas vezes o esporte é retratado de forma direta, figurada, quando elementos da prática são claramente identificados nas obras; em outras vezes, dimensões do esporte servem como inspiração para alguma abstração.

* Na literatura

Em poesias, romances, contos e crônicas, como, por exemplo, de Machado de Assis, Arthur Azevedo, Raul Pompéia, Carlos Drummond de Andrade, Paulo Mendes Campos.

* Na música

Em letras de compositores de diferentes épocas, onde se destaca um grande número de sambas (por exemplo, de Noel Rosa, Geraldo Pereira, Chico Buarque, entre outros), mas também de outros estilos (como em recentes letras de Zeca Baleiro, dos grupos O Rappa e Skank). Há também músicas instrumentais que são produzidas a partir de uma inspiração esportiva, como o choro “1 x 0”, de Pixinguinha e Benedito Lacerda (depois recebeu letra de Nelson Angelo; ainda hoje é mais executada instrumentalmente).

* Nas artes cênicas (teatro e dança)

Onde podemos identificar, por exemplo, algumas peças de Oduvaldo Vianna Filho e, recentemente, coreografias de Deborah Colker.

* No cinema

Em filmes de Joaquim Pedro de Andrade, Oswaldo Caldeira, Roberto Farias, Néilson Pereira dos Santos, entre outros. Em certos filmes, o esporte é o assunto central, como em “Surf Adventures” (de Arthur Fontes), “Boleiros” (de Ugo Giogetti) ou “Todos os Corações do Mundo” (de Murilo Salles). Em alguns ele ocupa um papel importante, mas também é utilizado como conexão para outros temas, como em “Garrincha, Alegria do Povo” (Joaquim Pedro de Andrade) e em “Prá Frente Brasil” (Roberto Farias). Em muitos outros filmes vemos apenas algumas cenas ou alguns personagens ligados ao esporte. Além de longas, há também muitos curta-metragens dedicados à temática. Vale também destacar que existe uma imensa produção televisiva ligada ao assunto, notadamente um grande número de documentários.

Se formos observar outros países, veremos que esta relação não é exclusividade nossa, o que não surpreende, visto que o esporte é uma das manifestações culturais/práticas sociais mais populares e influentes do último século.

3. O ESPORTE É UMA FORMA DE ARTE?

Ao término do estudo dessa seção, você deve ser capaz de:

* Identificar que existem similaridades entre a arte e o esporte, entendidos como duas importantes práticas sociais.

O esporte pode ser considerado como uma forma de arte? No decorrer das décadas de 1970 e 1980, houve muitas discussões nesse sentido, todas, em maior ou menor grau, afirmando que o esporte não é arte.

Se considerarmos, todavia, as modificações contemporâneas dos conceitos de arte e esporte, devemos tomar mais cuidado com as afirmações daqueles autores. Podemos começar nossa discussão dialogando com Hans-Georg Gadamer³, que destaca o aspecto relacional da arte.

Para ele, existe um jogo criativo que se estabelece entre o artista e o público, uma forma de diversão fundamental e muito séria, tanto quanto qualquer outra atividade humana. Para o esporte, uma atividade tão simbólica quanto a arte, também este aspecto relacional é primordial: a torcida participa ativamente do espetáculo, se envolve, influencia nos resultados.

Obviamente que isso não é suficiente para que apresentemos o esporte como uma forma de arte, se faz necessário buscar novos elementos para referendar tal afirmação. Para tal a saída está nos próprios deslocamentos dos conceitos envolvidos.

Inicialmente há que se ter em conta que algumas práticas e objetos que hoje são considerados como artísticos, originariamente não eram encarados como arte. Isso pode

³ . Maiores informações podem ser obtidas no estudo: GRAHAM, Gordon. *Filosofia das artes*. Lisboa: Edições 70, 1997.

ser observado com alguns objetos da cultura popular, produzidos com função prática e não para serem exibidos em museus ou galerias, e mesmo com o cinema, que inicialmente era mais uma curiosidade exibida em feiras, fruto do avanço tecnológico. Isso, de alguma forma, abre um caminho para pensarmos se um processo semelhante pode ter ocorrido com o esporte.

O que se observa hoje em dia é um acentuar da importância dos elementos estéticos na composição do espetáculo e do campo esportivo. O esporte é uma clara influência em vários setores ligados à estética, como no design, na moda e na arquitetura. Cada vez mais funciona como forma de celebração corporal, ainda muito influenciado por uma concepção clássica de beleza.

A exposição corporal dos atletas é cada vez maior. É possível identificar atletas posando nus ou em posições sensuais, atuando como modelos, influenciando coleções de importantes grifes, sendo destacados pela beleza muscular. É cada vez mais ressaltado um elemento erótico ao redor da prática esportiva.

O estético chega a ser, em alguns casos, tão ou mais importante do que as habilidades técnicas. Podemos lembrar da tenista russa Anna Kournikova, sempre convidada para os principais torneios de esporte mundiais, a despeito de seus fracos resultados. Provavelmente isso tem relação com sua beleza.

Se considerarmos que a partir da modernidade se questionou a preponderância da arte na definição do conceito de estética, devemos ter em conta que tudo o que está próximo desta dimensão acaba aproximada da arte, o que abre espaço para o esporte se aproximar desta última.

Esse aspecto tem também ligação com outra importante consideração: o fato de que desde a arte moderna há uma tendência crescente por romper as limitadas esferas do

campo artístico, trazendo-a para o cotidiano e incorporando este no âmbito da arte. Adenda-se a isto o fato de percebermos uma clara tendência à corrosão dos limites entre as formas usuais de manifestações artísticas e uma revalorização da cultura popular, o que faz com que antigas “não-artes” passem a ser consideradas como arte. Vejamos que em função desse processo, encontramos muitos elementos que podem apontar a possibilidade de considerar o esporte como uma forma de arte.

Não devemos ainda negligenciar o grande número de similaridades entre os campos esportivo e artístico, inclusive nas suas formas de organização, eivadas de elementos simbólicos e se desenvolvendo em lugares específicos, regulados por normas próprias: sejam teatros, museus, cinemas ou estádios. Ambos causam um enorme fascínio, porque nos permite o acesso a elementos de identificação, de proximidade. A diferença é que o esporte é uma arte popular, mais acessível, normalmente mais facilmente apreciável.

Mas como defender a consideração do esporte enquanto arte se não produz uma obra duradoura, já que ao final de um jogo, de uma competição, fisicamente nada sobra do que foi “produzido”? Ora, basta lembrar que o mesmo ocorre em todas as formas de arte de performance, como o teatro e a dança. O que difere o esporte destas manifestações é o fato de que estamos falando de uma arte sem *script* prévio, que depende de cada situação de jogo, o que não é suficiente para descaracterizá-lo enquanto uma forma de arte.

E o que falar do fato de que o esporte possui regras muito estabelecidas? Ora, no teatro e na dança, mesmo que existam variações em função da montagem e dos intérpretes, há também uma estrutura mínima que deve ser respeitada, seguida. Uma mesma peça ao mesmo tempo em que tem esta estruturação, muda a cada dia, a cada

montagem, a cada temporada. Da mesma forma, as regras do futebol apresentam um padrão mínimo a ser seguido, mas cada situação específica vai propiciar um drama diferente.

Vale lembrar ainda algumas “coincidências”. No século XVI, a palavra “sport” podia significar atuação teatral. Em inglês o verbo “to play” pode ser adequadamente utilizado para designar a representação teatral, a performance musical ou para a prática esportiva. Bertold Brecht considerava que o teatro deveria incorporar a forma de organização do esporte. Walter Benjamin afirmava que esporte e cinema possuem técnicas semelhantes de comunicação.

Por que será então que esporte e arte constituíram campos distintos? Podemos inferir que isso se deu em função de que as próprias transformações do conceito de cultura, no decorrer do século XX, o aproximam da arte, às vezes mesmo se confundindo com ela. Contudo, mais ainda, devemos lembrar que nas origens dos campos, o esporte foi compreendido com sentidos diferentes aos da arte.

O esporte foi encarado como um dos objetos mais adequados à moral burguesa da iniciativa privada que se consolidava com força no século XIX. Conforme concebido, vai carregar então marcas de um certo antiintelectualismo, claramente identificado na consolidação de certas representações: o esporte é masculino, a arte feminina, o esporte é viril, a arte afeminada.

Além disso, o esporte se torna algo bastante popular, enquanto a arte, durante muitos anos permaneceu encarada, como afirmava John Dewey, como o “salão de beleza da civilização”. A fala de Richard Shusterman bem ilustra o afastamento:

A arte é, com efeito, colocada na quarentena dos museus, nas salas de concerto e de teatro, assim como nas salas de aula, longe de um acesso cotidiano, livre e casual. Não somente a equação elitista “arte=artes

maiores” aliena e intimida muita gente a buscar satisfação nas belas-artes, como também lhes nega o reconhecimento da legitimidade artística do divertimento, ou das assim chamadas artes “menores” que tanto agradam as pessoas⁴.

Não creio que facilmente chegaremos ao dia em que o esporte será definitivamente considerado como arte. Entretanto, creio que ao afirmar que podemos compreender o esporte como uma forma de arte, a “oitava arte”, trabalhamos em várias perspectivas: no sentido de chamar a atenção para certos preconceitos que podem ainda persistir; no sentido de compreender melhor nosso objeto de trabalho; no sentido de perceber de maneira mais precisa e multifacetada sua ocorrência social; e fundamentalmente no sentido de argumentar que seu diálogo com a arte se deu no nível de linguagens similares que trocaram, se interpenetraram.

Enfim, não se trata de substituir grande pintores, cineastas, literatos, dramaturgos, dançarinos e músicos pelos esportistas. Mas sim de considerar que os dribles de Garrincha, as piruetas de Daiane dos Santos e as cestas de Michael Jordan também devem ser observadas como performances similares às artísticas.

⁴. SHUSTERMAN, Richard. *Vivendo a arte*. São Paulo: Editora 34, 1998. p.250.

4. O ESPORTE E O CINEMA: DIÁLOGOS – UM EXEMPLO

Ao término do estudo dessa seção, você deve ser capaz de:

* Identificar as similaridades entre o esporte e o cinema, um exemplo das relações entre esporte e arte.

Para que se compreenda e se visualize melhor as relações entre esporte e arte, vamos aprofundar um pouco a discussão sobre uma das manifestações artísticas: o cinema. Cinema e esporte estão entre as linguagens mais difundidas e acessadas no decorrer do século XX, não só nos seus espaços específicos (as salas de projeção e os estádios), como também em função da ação dos meios de comunicação em geral.

Devemos destacar o fato de que ambos, mesmo possuindo raízes anteriores, são fenômenos típicos da modernidade, se organizando a partir das mudanças culturais, sociais e econômicas observáveis desde o fim do século XVIII e no decorrer do século XIX. Nesse contexto histórico, são claramente perceptíveis as proximidades de cinema e esporte enquanto linguagens em construção⁵.

Ambos constituem-se como poderosas representações de valores e desejos que permeiam o imaginário do século XX: a superação de limites, o extremo de determinadas situações, a valorização da tecnologia, a consolidação de identidades nacionais, a busca de uma emoção controlada, o exaltar de um certo conceito de beleza, tudo isso esteve constantemente presente nos filmes e nas competições organizadas.

Não é surpreendente, com tantas semelhanças, que exista uma forte e longínqua relação entre esporte e cinema. Internacionalmente estima-se que já tenham sido

⁵ . Maiores informações podem ser obtidas em: MELO, Victor Andrade de. *Esporte e cinema: diálogos*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004. Relatório de Pesquisa (Pós-Doutorado em Estudos Culturais). Disponível em www.ceme.eefd.ufjf.br/cinema.

produzidos mais de 4000 filmes que de alguma forma tocam na temática, alguns ocupando espaço importante na história do cinema, como “Olympia”, de Leni Riefestahl, e “Kuhle Wampe ou a quem pertence o mundo?” (1931), de Slatan Dudow, com roteiro de Bertold Brecht.

No Brasil, as primeiras imagens de esporte podem ser encontradas em curtas-metragens realizados já no final do século XIX, como no documentário produzido pelos irmãos Segreto (1899) sobre festividades organizadas pelo Círculo Operário Italiano de São Paulo. Entre muitas imagens, vemos as corridas e competições esportivas organizadas nas ocasiões, e *takes* do Velódromo de São Paulo, um dos espaços esportivos pioneiros daquela cidade. É de 1900 o curta mais antigo preservado sobre uma competição: “Regatas em Botafogo”, dos mesmos realizadores.

Nos arquivos da Cinemateca Brasileira encontramos muitos curtas com imagens esportivas relacionadas ao remo (como “Regatas na Ponte Grande”, de 1907, São Paulo, Empresa J. Cateysson e “As Últimas Regatas”, de 1908, Rio de Janeiro, Photo-Cinematographia Brasileira), ao turfe (como “Grandes Prêmios Derby Clube” e o “Dr. Frontin” e “Grande Prêmio Jockey Clube”, ambos realizados em 1910, no Rio de Janeiro), a clubes (como “O Fluminense Futebol Clube”, 1928, Rio de Janeiro, Lafayette Filme, e “Festa Esportiva no Parque Antártica”, 1909, São Paulo, Empresa F. Serrador) e ao futebol (como “Entrega das taças aos campeões paulistas de futebol”, 1907, São Paulo, Empresa J. Cateysson e “Match internacional de futebol entre brasileiros e argentinos”, produzido pela Photo-Cinematographia Brasileira, 1908), entre muitos outros esportes.

Um número significativo de imagens podem também ser recuperadas nos jornais cinematográficos, existentes em grande número até a invenção da televisão. Nesses

cine-jornais, o esporte era um dos assuntos mais filmados e exibidos. Estamos falando de programas como: “Atualidades O Globo”, “Cinejornal Brasil”, entre outros.

Em decorrência da importância do esporte, logo surgiram os cine-jornais específicos, como “O Globo Esportivo na Tela” e o “Esporte na tela”. Isso sem falar na importante recente contribuição do “Canal 100” (décadas de 60, 70 e 80), programas onde o futebol era assunto de grande importância, durante muitos anos exibidos antes dos longa-metragens. Esses programas merecem uma atenção especial, pelo papel que ocupam no formar do imaginário brasileiro sobre o esporte. O esporte foi filmado sob dimensões jamais vistas, provavelmente no mundo inteiro.

No que se refere aos longas-metragens, identificamos 154 filmes que tocam na questão do esporte. Em 57 deles o esporte é o tema central ou ocupa lugar de grande importância, em 54 filmes ocupa um importante espaço e em 43 é de alguma forma citado, mesmo não sendo central. Entre tais películas, não surpreendentemente mais de 80 são dedicadas ao futebol, esporte de maior popularidade no Brasil. Destacam-se também o surfe (8 filmes), o automobilismo (8 filmes) e o turfe (8 filmes). Também foram retratados o atletismo, o boxe, a capoeira, o judô, a natação, o remo, o rodeio, o tênis, entre outros⁶.

O primeiro filme brasileiro onde o esporte é assunto central foi produzido em São Paulo, no ano de 1926: “Vício e Beleza”, dirigido por Antônio Tibiriça. Sob o rótulo de “filme científico”, “proibido para mulheres” ou “só para homens”, era uma película de forte caráter moral, que narra a história de um estudante de medicina, praticante de natação e atletismo, que apregoa as benesses do esporte para a saúde, em contraponto com outro jovem que frequenta cabarés e tem uma vida conturbada.

⁶. A lista completa está disponível em www.ceme.eefd.ufrj.br/cinema.

Em 1931, Genésio Arruda dirige “Campeão de Futebol”, uma homenagem aos jogadores da época. Nesse mesmo ano, Reid Valentino (um pseudônimo de um ex-atleta de boxe) escreve o roteiro, estrela e dirige “O Campeão”. Nesses momentos iniciais podemos identificar ainda “Alma e Corpo de Uma Raça” (Milton Rodrigues, 1938), “Futebol em Família” (Ruy Costa, 1938), “Gol da Vitória” (José Carlos Burle, 1946), “Copa do Mundo de 1950” (Milton Rodrigues, 1950).

Entre os filmes que tocam na questão do esporte, alguns merecem destaque pela importância na cinematografia nacional, como “Rio 40 graus”, de Néelson Pereira dos Santos, e “Garrincha, Alegria do Povo”, de Joaquim Pedro de Andrade. Nesses filmes o esporte é focado em outra dimensão, como fator de identidade na construção da nação.

5. COMO TRABALHAR O ESPORTE PELA E PARA A ARTE

Ao término do estudo dessa seção, você deve ser capaz de:

* Identificar possibilidades de incluir a arte em suas estratégias de trabalhar pedagogicamente com o esporte

Como trabalhar com manifestações artísticas em nossas aulas de esporte? A primeira coisa a ter em mente é que o esporte não precisa ser somente trabalhado em quadra. Obviamente que não devemos negar que a quadra é o local por excelência para trabalharmos com a prática esportiva, mas também há possibilidades de trabalhar em outros espaços ou utilizando outras estratégias que não os elementos técnicos e táticos do jogo.

Podemos utilizar as manifestações artísticas de forma multifacetada. Um das possibilidades é seu uso para discutir algo ligado à prática esportiva em si: torcida, violência, regras, entre outros. Outra possibilidade é o uso para discutir algo ampliado, ligado por exemplo ao contexto político nacional. Chamaremos a primeira possibilidade de **utilização da arte para discutir a prática esportiva em si** e a segunda de **utilização da arte para uma discussão ampliada a partir do esporte**. Ambas tratam-se de uma **educação pelo esporte a partir da arte**.

Existe ainda outra possibilidade de grande importância, relacionada à perspectiva de educação estética: **a utilização da arte, a partir do esporte, para uma educação para a arte**. Já que estamos utilizando a arte para discutir algo ligado ao esporte, aproveitamos para trabalhar com nossos alunos os elementos da arte em si: as suas características, o movimento em que se insere, a característica do artista.

É importante que não utilizemos a arte somente como um meio de educação, mas também como um fim. Ela pode sim ser um veículo para discussão de muitos elementos e temáticas, mas também é em si um conteúdo. Estas dimensões devem ser trabalhadas de forma articuladas.

Creemos que estas discussões ficarão mais claras ao percorrermos os exemplos abaixo.

5.1. Um exemplo com o cinema

Suponhamos que muitos de nossos alunos desejam se tornar jogadores de futebol e isso acaba trazendo repercussões para nosso trabalho (cujo objetivo não é formar atletas), tais como competitividade exacerbada, falta de tolerância com os alunos menos habilidosos, entre outros.

O filme “Boleiros” de Ugo Giorgetti (disponível em muitas locadoras) narra um bate-papo entre jogadores e árbitros de futebol aposentados, onde colocam as dificuldades da carreira e os problemas que os afligem em sua aposentadoria. Em certo sentido o filme narra as ilusões construídas ao redor do falso glamour que cerca a profissão de jogador de futebol.

Poderíamos então passar esse filme para nossos alunos, elencando uma série de questões a serem discutidas posteriormente. Vale a pena sempre, antes da exibição do filme, falar um pouco da obra do cineasta e situar os alunos na trama do filme, levantando algumas poucas questões a serem discutidas (observação: nesse momento devemos tomar cuidado para não sermos extremamente didáticos; deve ser preservado um espaço para que os alunos tirem suas conclusões). Observamos que não se trata de direcionar rigidamente a discussão após o filme, mas sim lançar questões provocadoras,

que estimulem os alunos a uma tomada de posição. Lembremos: vale a pena pensar em uma atitude de mediação. Estamos falando aqui, então, da **utilização da arte para discutir a prática esportiva em si**.

Aproveitando o segundo momento, podemos discutir um pouco dos aspectos estéticos do filme, apresentar alguns elementos do cinema, discutir o cinema brasileiro, a distribuição de filmes, entre outros assuntos. Lembrando da postura de mediador, sugiro sempre que busquemos estimular que os alunos identifiquem essas diferenças por si, antes de nós definirmos exatamente do que se trata. Aí já estamos os estimulando a uma posição estética crítica perante o que está sendo assistido. Estamos falando aqui **da utilização da arte, a partir do esporte, para uma educação para a arte**.

Vamos dar outro exemplo bem recente. No mês de abril, todos os jornais lembraram que há 30 anos atrás houve o golpe militar. Será que não poderíamos trabalhar esse fato histórico a partir do esporte? Poderíamos projetar o filme “Prá Frente Brasil”, de Roberto Farias, que mostra a história de um cidadão comum que é preso e torturado na mesma época da Copa de 70, sugerindo que a população brasileira ficava mais atenta ao futebol do que à situação política e econômica. Poderíamos após o filme, seguindo o mesmo modelo anterior, levantar uma série de questões para debate, relacionadas ao contexto histórico da época. Nesse caso, falamos da **utilização da arte para uma discussão ampliada a partir do esporte**.

Nesse momento, também apresentaríamos a importância do filme, discutiríamos as estratégias estéticas, da obra do cineasta, da polêmica que causou na época. Mais uma vez falamos **da utilização da arte, a partir do esporte, para uma educação para a arte**.

É óbvio que para implementar uma proposta dessa natureza, temos muitas coisas que devem ser consideradas:

a) Material

Nosso local de trabalho deve possuir uma estrutura mínima que permita a projeção de filmes. No mínimo uma televisão e um vídeo-cassete. Uma sala facilita a assistência do filme, mas nada impede que o projetemos em um espaço aberto. A disponibilidade de filmes em VHS é outro fator impeditivo. Uma saída é a utilização de material de televisões educativas (Canal Futura, por exemplo) ou empréstimos de outras instituições.

b) A experiência de nossos alunos com cinema e seu grau de formação

Este fator deve ser bem considerado na escolha dos filmes. Se nossos alunos não têm o hábito de ir ao cinema e/ou somente vêem filmes pela televisão, devemos procurar inicialmente filmes que sejam mais agradáveis, sob o risco de vermos esvaziadas as potencialidades desta atividade. Trata-se de um processo de educação cinematográfica, um processo paulatino, que parte de filmes mais acessíveis e aos poucos vai introduzindo narrativas menos comuns e mais elaboradas.

c) A idade de nossos alunos

Esse é outro fator importante e determinante na escolha dos filmes. Se estamos trabalhando com crianças, devemos trabalhar com filmes adequados à faixa etária. Jovens costumam gostar de filmes com mais ação e com alguma emoção. Enfim, considerar as peculiaridades do público é fundamental.

d) A formação do professor

Nós professores nem sempre somos preparados para trabalhar com os aspectos estéticos dos filmes. Assim sendo, isso exige de nós uma preparação prévia, um trabalho de pesquisa para que possamos trabalhar adequadamente com nossos alunos

5.2. Um exemplo com a música

Poderíamos aqui colocar a letra de muitas músicas nacionais que tematizam ou citam o futebol, mas vamos apresentar um pedaço de uma letra pouco conhecida de um compositor importante (também não muito conhecido do grande público): Noel Rosa.

Tarzan, o filho do alfaiate (Noel Rosa e Vadico, Samba-Choro, 1936)

Quem foi que disse que eu era forte?
Nunca pratiquei esporte
Nem conheço o futebol.
O meu parceiro sempre foi o travesseiro
E eu passo um ano inteiro
Sem ver um raio de sol
A minha força bruta reside
Em um clássico cabide
Já cansado de sofrer,
Minha armadura é de casimira dura
Que me dá musculatura
Mas que pesa e faz doer

(...)

De lutas eu não entendo abacate
Pois o meu grande alfaiate
Não faz roupa pra brigar
Sou incapaz de maltratar uma formiga
Não há homem que consiga
Nos meus músculos pegar
Cheguei até a ser contratado
Pra subir em um tablado
Pra vencer o campeão
Mas a empresa, pra evitar assassinato
Rasgou logo meu contrato
Quando me viu sem roupão

Imaginemos quantas questões não podem ser discutidas a partir dessa música! Entre as mais flagrantes, a questão dos modelos corporais (fortes e harmônicos). Aliás, esse foi o impulso de Noel Rosa ao compor a letra/música, exatamente em um momento de nossa história em que começaram a ser valorizados os portes físicos avantajados. Ao trabalhar com essas questões desencadeadas pela letra, estamos falando da **utilização da arte para discutir a prática esportiva em si**. Mas também, dependendo de nossa opção pedagógica, se formos aproveitar para discutir o período histórico como um todo, podemos também falar de **utilização da arte para uma discussão ampliada a partir do esporte**.

Juntamente com isso, poderíamos apresentar o compositor, o samba brasileiro, contribuindo para que nossos alunos tenham acesso a músicas que normalmente não tocam nas rádios e/ou programas de televisão. Falamos então **da utilização da arte, a partir do esporte, para uma educação para a arte**.

Mais ainda, podemos articular a experiência das músicas com outras linguagens e outras formas de movimentação corporal. É possível desenvolver uma atividade de teatro com nossos alunos a partir da letra. Ou implementar aulas de dança, tendo o samba como tema.

As ressalvas e dificuldades para implementar esta proposta? As mesmas do exemplo anterior.

5.3. Um exemplo com a literatura

Já que antes trabalhamos com exemplos de artistas brasileiros, vamos agora dar um exemplificação de um grande escritor latino-americano: Eduardo Galeano. Vejamos

um extrato de uma de suas crônicas, retirada de um livro integralmente dedicado ao futebol⁷.

O árbitro

“O árbitro é arbitrário por definição. Este é o abominável tirano que exerce sua ditadura sem oposição possível e o verdugo afetado que exerce seu poder absoluto com gestos de ópera. Apito na boca, o árbitro sopra os ventos da fatalidade do destino e confirma ou anula os gols. Cartão na mão, levanta as cores da condenação: o amarelo, que castiga o pecador e o obriga ao arrependimento, ou o vermelho, que o manda para o exílio.

Os bandeirinhas, que ajudam, mas não mandam, olham de fora. Só o árbitro entra em campo; e com toda razão se benze ao entrar, assim que surge diante da multidão que ruga. Seu trabalho consiste em se fazer odiar. Única unanimidade do futebol: todos o odeiam. É vaiado sempre, jamais é aplaudido.

(...)

Às vezes, raras vezes, alguma decisão do árbitro coincide com a vontade do torcedor, mas nem assim consegue provar sua inocência. Os derrotados perdem por causa dele e os vitoriosos ganham apesar dele. Alibi de todos os erros, explicação para todas as desgraças, as torcidas teriam que inventá-lo se ele não existisse. Quanto mais o odeiam, mais precisam dele.

Durante mais de um século, o árbitro vestiu-se de luto. Por quem? Por ele. Agora, disfarça com cores”.

A questão das regras e do cumprimento de regulamentos é uma das mais polêmicas entre as que envolvem a prática esportiva. Ao redor dessa questão se encontram várias outras dimensões, como a violência, desencadeada por alguma reação negativa a alguma decisão, sem falar de valores como honestidade, justiça, entre outros. Na verdade, podemos afirmar, nesse sentido, que os campos de futebol de alguma forma apresentam os desafios e paradoxos de construção de uma sociedade democrática.

Já pensaram quantos debates não podem ser implementados com essa bela crônica de Eduardo Galeano? Tanto aqueles ligados à prática esportiva em si (logo estamos falando da **utilização da arte para discutir a prática esportiva em si**) quanto

⁷. GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra*. Porto Alegre: L&PM, 1995.

à sociedade como um todo (portanto, trata-se de **utilização da arte para uma discussão ampliada a partir do esporte**).

Além disso, seguindo a proposta de **utilização da arte, a partir do esporte, para uma educação para a arte**, podemos apresentar este autor, sua importância para a literatura latino-americana etc.

Atenção: existe a possibilidade de alguns de nossos alunos terem dificuldades de entender o material literário utilizado por não estarem afeitos ao estilo e mesmo por desconhecerem algumas palavras. É importante, então, trabalhar também essas questões relacionadas ao vocabulário e ao domínio do que está escrito.

Bem, esses são apenas pequenos exemplos de possibilidade de se trabalhar o esporte a partir da arte. Obviamente que não é fácil atuar nessa perspectiva, mas fácil seria manter os modelos tradicionais. A vontade de cada professor parece ser uma mola-mestra importante. E os resultados obtidos, podem ser notáveis!

6. ESTÉTICA, BELEZA E CORPO

Ao término do estudo dessa seção, você deve ser capaz de:

* Entender que ao trabalhar com os aspectos estéticos, pode contribuir para que os alunos questionem um determinado modelo de beleza corporal, difundido com muita ênfase pelos meios de comunicação;

* Entender como esse determinado modelo de corpo está relacionado com estratégias de mercadorização do corpo e de controle social.

Para concluir nosso estudo, vale a pena discutirmos um pouco as relações entre estética, beleza e corpo. Como vimos anteriormente, pode-se observar um denotado aumento da exposição corporal de atletas. Na verdade, podemos identificar o auge de um processo que tem seu início nos anos finais do século XIX, quando a espetacularização do corpo passa a ser algo buscado e estimulado pela sociedade de consumo que começava a se estruturar.

Se antes o corpo estava escondido, envergonhado, camuflado, em função das injunções de natureza religiosa, a partir da modernidade ele passa a ser cada vez mais exposto, tornando-se continuamente um dos principais produtos difundidos pela indústria cultural. Basta darmos uma olhada nas televisões para ver como o corpo está constantemente presente nas propagandas e sua exibição é freqüente nos programas televisivos.

Isso significou exatamente um maior respeito pelo corpo e uma possibilidade de libertação dos rígidos controles sociais? Não exatamente. É óbvio que alguns avanços são notáveis e não devem ser negados. Mas transformado em produto de compra e venda, com um parâmetro aproximadamente homogêneo difundido com vigor pelos

meios de comunicação (mesmo que devamos reconhecer quem em função da moda, tais modelos mudem de tempos em tempos), o corpo tem se transformado antes em um objeto de desejo inalcançável do que em uma dimensão fundamental de prazer e de reconhecimento das subjetividades.

Com uma estética única sendo difundida, gera-se um mecanismo de pressão para nossos adolescentes e adultos, o que muitas vezes constitui-se em obsessão pelo alcance de uma beleza idealizada; um problema nunca satisfatoriamente sanável, um motivo potencial de infelicidade. Assim, em decorrência disso, podemos identificar reflexos perversos das mais diversas ordens, tais como: a ocorrência de acidentes por excesso de atividades físicas, a utilização de substâncias ilegais para alcance de um modelo de corpo, o crescimento do número de afetados por doenças ligadas à nutrição, como a bulimia e anorexia, entre outros.

Esse é uma dimensão que não pode ser negligenciada em nossas propostas pedagógicas com o esporte. Não nos cabe difundir um modelo corporal único, pautado em um conceito de beleza estética homogênea. Antes, devemos contribuir para que nossos alunos reconheçam seu corpo como dimensão importante para a constituição de suas subjetividades.

Devemos contribuir para que nossos alunos não aceitem a necessidade de imposição de um único parâmetro, descobrindo que a beleza é algo multifacetada, não relacionada somente ao conceito clássico e que não pode servir como uma camisa de força.

Mais ainda, que entendam as estratégias comerciais e de estímulo ao consumismo que se organizam ao redor desse processo, que em última instância são

facetas disfarçadas de um enorme controle social e fonte de infelicidade que não deve ser por nós assumida de forma linear.

Por certo, assim como desde a arte moderna outros parâmetros de beleza têm sido construídos, temos grandes possibilidades de contrapor esse processo de manipulação e alienação estimulando nossos alunos a melhor se reconhecerem e aceitarem com ênfase que as diferenças são comuns e necessárias, lembrando sempre que estas não devem se constituir em motivos para qualquer tipo de preconceito, discriminação e estereótipo. Vale a pena lembrar de Caetano Veloso, quando lembra em uma de suas canções que “de perto ninguém é normal”, e do saudoso Gonzaguinha, que nos convocava a reconhecer que “cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é”.

7. BIBLIOGRAFIA

a) Referências citadas no texto:

GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra*. Porto Alegre: L&PM, 1995.

GRAHAM, Gordon. *Filosofia das artes*. Lisboa: Edições 70, 1997.

MELO, Victor Andrade de. *Esporte e cinema: diálogos*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004. Relatório de Pesquisa (Pós-Doutorado em Estudos Culturais). Disponível em www.ceme.eefd.ufrj.br/cinema.

SHUSTERMAN, Richard. *Vivendo a arte*. São Paulo: Editora 34, 1998. p.250.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. *Convite à estética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

b) Mais informações sobre algumas dimensões teóricas trabalhadas neste texto:

BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? In: _____. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

CEVASCO, Maria Elisa. *Dez lições sobre estudos culturais*. São paulo: Boitempo, 2003.

ELLSWORTH, Elizabeth. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Nunca fomos humanos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

HAUG, Wolfgang Fritz. *Crítica da estética da mercadoria*. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

JIMENEZ, Marc. *O que é estética?* São Leopoldo: Ed. Unisinos, 1999

MELO, Victor Andrade de. Educação estética e animação cultural. *Licere*, Belo Horizonte, v.5, n.1, p.101-112, 2002a.

SCHILLER, Friedrich. *A educação estética do homem*. São Paulo: Iluminuras, 1995.

WELSCH, Wolfgang. Esporte – visto esteticamente e mesmo como arte? In: ROSEFIELD, Denis (org.). *Ética e Estética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

c) Mais informações sobre algumas manifestações artísticas:

CAMPOS, Paulo Mendes. *O gol é necessário*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

COSTA, Antonio. *Compreender o cinema*. São Paulo: Globo, 1989.

- COURTNEY, Richard. *Jogo, teatro e pensamento*. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- HOVING, Thomas. *Arte para dummies*. Rio de Janeiro: Campus, 2000.
- MARQUES, Isabel. *Ensino de dança hoje*. São Paulo: Cortez, 2001.
- MARQUES, Isabel. *Dançando na escola*. São Paulo: Cortez, 2003.
- MAURÍCIO, Ivan. *90 minutos de sabedoria*. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.
- METZLER, Marta. *Tempo de futebol*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1998.
- OLIVEIRA, Jô, GARCEZ, Lucília. *Explicando a arte*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.
- OLIVEIRA, Jô, GARCEZ, Lucília. *Explicando a arte brasileira*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- PEDROSA, Milton. *Gol de letra: o futebol na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Gol editora, 1967.
- PROENÇA, Ivan Cavalcanti. *Futebol e palavra*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.
- RAMOS, Ricardo (org.). *A palavra é futebol*. São Paulo: Scipione, 1990.
- RODRIGUES, Néilson. *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- RODRIGUES, Néilson. *A pátria em chuteiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- RODRIGUES FILHO, Mário. *O sapo de arubinha*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.